



galeria
do m u s

3 a 31 de dezembro

Sônia Von Brüski

vernissage às 21 horas

Rua Visconde de Pirajá, 547

Ipanema



A tarefa de apresentar um artista, compreende íntima participação com sua obra, revelação e diálogo, compromisso e laço de sangue com sua linhagem. Assim a apresentação se transforma sempre num profundo ato de alegria e de amor. Por isso cada dia que passa é uma resolução mais rara e essencial. Diante disso, e com alegria, venho aqui apresentar o desenho de Sônia Von Brüsky. Tendo passado pelo crivo de Ivan Serpa, êste orientador insuperável de novos talentos, Sônia se inscreve na categoria muito em dia do surrealismo erótico. Lembramos o aparecimento, há pouco mais de um ano, de Darcílio Lima — são artistas da mesma família. Só que, na medida em que Darcílio parte para o sinfônico, para a espantosa alegoria, Sônia libera sua sonata de câmara, partindo para uma síntese pertinaz dos motivos que a obcecaram.

A mulher é seu tema, a mulher e sua casca, a mulher e seu rosto frio, dual, impessoal e mártir. O corpo da mulher, que tem sido o altar de todos os louvores do erotismo em sua longa história (antiga como o homem) aparece nos desenhos de Sônia Von Brusky transformado numa casca corruptível, numa porcelana *craquelée*, num envoltório que às vezes deixa à mostra o interior vazio como uma prateleira não inaugurada no lugar onde houvera um coração. Os olhos são duros ou vazios, a terra é de catástrofe, e esta mulher que num determinado momento encarna a figuração do anjo mediano, avança com suas mãos marcadas pedindo paz.

O martelo, o desentupidor de esgotos, são figuras que o personagem, irremediavelmente partido, empunha, numa figuração da auto-iconoclastia e da vontade de limpeza. Eis uma mulher que se voltou profundamente para a sua condição e a denúncia, apelando para a restauração íntima de um ser que através dos tempos estêve entre dois pratos de uma balança implacável: a da sujeição ao homem e conseqüente impossibilidade de personalizar-se, e a da frivolidade como único direito de libertação num mundo que a sufoca. Focalizando a mulher, por autoconhecimento feroz de suas limitações e anseios, Sônia Von Brusky amplia esta reivindicação a todo o ser castrado pelo poderio estabelecido, e incita cada um a vasculhar o seu íntimo o possível fracasso humano e a tentativa de reposição de uma verdade que o salve de ser um simples manequim ambulante. O personagem desta desenhista é isto, um manequim: o mundo surrealista onde êle se locomove é teatral, gráficamente econômico, e espantosamente técnico. Não se pode objetar a Sônia Von Brusky, além de tudo o que o seu fabulário nos sugere, a categoria altíssima da técnica do desenho, o sinal daquele aprendizado que passou pela peneira finíssima de Ivan Serpa, para cintilar na plenitude de seu domínio. Podemos afirmar que começa aqui uma carreira brilhante, intensa e corajosa. E é com prazer que, apresentando-a, nos comprometemos com ela.

Walmir Ayala

Rio — outubro de 1968